



Revista aSEPHallus de Orientação Lacaniana  
Núcleo Sephora de Pesquisa sobre o Moderno e o Contemporâneo  
ISSN 1809 - 709 X

### **Entrevista com a psicanalista Ilka Franco Ferrari**

#### **Ilka Franco Ferrari**

Orcid: [0000-0002-6367-3136](https://orcid.org/0000-0002-6367-3136)

Pós-Doutorado pela Universidade de Barcelona (Barcelona, Espanha)  
Professora do Programa de Graduação e Pós-graduação em Psicologia da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais / PUC Minas (Minas Gerais, Brasil)  
Membro da Escola Brasileira de Psicanálise, da Associação Mundial de Psicanálise, e da Câmara de Ciências Humanas, Sociais e Educação da Fapemig  
Pesquisadora PQ2 do CNPq.  
E-mail: [francoferrari@terra.com.br](mailto:francoferrari@terra.com.br)

### **Entrevista realizada em 07/03/2022 por:**

#### **Rebeca Espinosa Cruz Amaral**

ORCID: [0000-0001-5011-5226](https://orcid.org/0000-0001-5011-5226)

Doutoranda em Teoria Psicanalítica pela Universidade Federal do Rio de Janeiro / UFRJ (Rio de Janeiro, Brasil)  
Mestre em Teoria Psicanalítica pela Universidade Federal do Rio de Janeiro / UFRJ (Rio de Janeiro, Brasil)  
Graduada em Psicologia pela Universidade Federal Fluminense / UFF (Rio de Janeiro, Brasil)  
Membro do Instituto Sephora de Ensino e Pesquisa de Orientação Lacaniana / ISEPOL (Rio de Janeiro, Brasil)  
E-mail: [respinosacamaral@hotmail.com](mailto:respinosacamaral@hotmail.com)

#### **Angelo Márcio Valle da Costa**

ORCID: [0000-0002-3286-1951](https://orcid.org/0000-0002-3286-1951)

Mestrando em Teoria Psicanalítica pela Universidade Federal do Rio de Janeiro / UFRJ (Rio de Janeiro, Brasil)  
Graduado em Psicologia pela Universidade Federal Fluminense / UFF (Rio de Janeiro, Brasil)  
Membro do Instituto Sephora de Ensino e Pesquisa de Orientação Lacaniana / ISEPOL (Rio de Janeiro, Brasil)  
E-mail: [angelocosta@id.uff.br](mailto:angelocosta@id.uff.br)



## Entrevista com a psicanalista Ilka Franco Ferrari

*Rebeca Espinosa Cruz Amaral & Angelo Costa*

Endereçamos à colega Ilka Franco Ferrari, em nome do Corpo Editorial de aSEPHallus Revista de Orientação Lacaniana, o pedido de que ela compartilhasse conosco suas reflexões acerca das tendências ideológicas atuais do discurso universitário e seus reflexos nos comportamentos de professores, alunos e instâncias administrativas de cursos de graduação e pós-graduação no Brasil e no mundo. Pedimos que ela analisasse esse cenário à luz da sua formação como psicanalista. Ilka é professora da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais desde 1981, ensinando na graduação e na pós-graduação e exercendo funções administrativas, tais como a de vice-coordenadora do curso de graduação e coordenadora da Pós-graduação. Compôs a equipe que construiu o projeto do Programa de Pós-graduação da PUC-Minas e nele está desde sua implantação. Atualmente, está na vice-coordenação do GT Psicanálise em Redes: teorias e práticas acadêmicas e profissionais. Além disso, é analista praticante, membro da Escola Brasileira de Psicanálise, Seção Minas Gerais, e da Associação Mundial de Psicanálise (AMP).

Em suas linhas de pesquisas e produções acadêmicas destaca-se o tema da presença da psicanálise no mundo universitário, passando por questões acerca da formação universitária de psicólogos, do ensino e da prática da psicanálise, e do mal-estar de professores e alunos. Destaca-se, por exemplo, seu brilhante artigo *Uma vivência universitária: passos além do cotidiano* (2019)<sup>1</sup>, no qual apresenta a universidade como instituição de suma relevância no processo civilizatório e que, enquanto tal, só pode ser pensada levando em conta a realidade social da qual é parte, de modo que hoje ela deve o ser em sua articulação ao discurso do capitalismo. Ao redor desses temas, portanto, preparamos algumas perguntas a respeito do estado da universidade hoje e o lugar da psicanálise nela. Quais são as possibilidades, hoje, de uma ética do desejo e da responsabilidade pelo gozo prevalecerem sobre os discursos identitários de cunho psicossociológico no contexto universitário? A psicanálise sobreviverá?

*Rebeca Espinosa Cruz Amaral: A senhora completou 30 anos como professora de uma universidade, e nesta já exerceu inúmeras funções. Durante este período de tempo presenciamos muitas mudanças em nosso país. Como essas se refletiram nas universidades e, conseqüentemente, na formação de jovens hoje? Gostaríamos de saber se a senhora considera que as universidades orientavam-se pelo princípio da pluralidade no passado. O fenômeno mundial de polarização e a política comunitarista dos grupos identitários são um fenômeno novo?*

Ilka Franco Ferrari: Agradeço a oportunidade de conversar com vocês, o que para mim é um prazer. De fato **meus 40 anos** na universidade precisam entrar no repertório de minhas ponderações. O que lhes posso dizer é que fui, dia após dia, acompanhando a vocação da universidade para a letra morta, ao se dirigir às massas, cada vez mais numerosas. A este propósito, em 2018 escrevi um capítulo

de livro, a convite do editor da revista da Universidad EAFIT, Colômbia, com o título *La vida en el mundo universitario com vocación para la letra muerta*<sup>2</sup>, no qual articulei um pouco estas ideias e a angústia que me assolava. Vocação para o saber acomodado, portanto letra morta já que desabitada do desejo, este sim causador de incômodos. Universidade cão de guarda - expressão milleriana que expressa ideias com as quais compartilho - que reserva a ciência a quem supostamente tem direito, embora nela se ensine em nome de um saber nem sempre científico e as investigações estejam muito reduzidas ao fato de publicar artigos e, conseqüentemente, ser citado a partir delas. Nela, a ação de investigar tem estado deformada e sujeita a pontuações, classificações. Não sei bem o que pensar quando você diz de princípio de pluradidade que se expressou na universidade... Universidade traz, em si, a ideia de pluradidade de conhecimentos que permitam ampliação da vida e capacidade de escolhas, mas sabemos que estes nunca deixaram de ser selecionados por quem cria e dirige esta comunidade de vida. Em certo modo de pensar, a universidade nasceu da iniciativa do poder político da idade média, no século XII, no intuito de acolher, ordenar e transmitir saber. Algo instituído, portanto, pelo humano, o que supõe comunidade de vida, maneiras de viver entre regras. Ainda que saibamos que a instituição, conforme Laurent (2011)<sup>3</sup> bem precisou, é conjunto de regras que os sujeitos desconstroem. Nas universidades temos encontrado, de forma explicitada, na atualidade, o que recentemente Viganò (2010)<sup>4</sup> chamou de jovens sem alma, já que nas considerações filosóficas, a alma sempre conta com o Outro. Podemos dizer que nelas também existem os professores sem alma, a direção, funcionários... Comunidade de vida em desamparo e solidão. Políticas comunitárias identitárias, me parece, não são novas e fazem parte da humanidade. Vejamos Freud<sup>5</sup> sobre o assunto.

*RECA: O discurso universitário ainda é o que impera nas universidades hoje? Como ele é influenciado e influencia o discurso do capitalismo proposto por Lacan em 1971<sup>6</sup>? E como isso impacta a função das universidades como instituições que contribuem para o processo civilizatório, como defendido pela senhora em artigo de 2019<sup>1</sup>?*

IFF: Confesso que não me lembro do que escrevi neste artigo de 2019 que mencionam, mas imagino que não mudei de posição (risos). Creio que nos últimos tempos, não sei bem precisá-lo, alguma transformação aconteceu deixando evidente que no discurso da universidade há submissão à produção de objetos de saber que respeitam as leis da demanda e do mercado, ou seja, por questão estrutural, a serventia da universidade se expressa no cotidiano do capital. Por outro lado, quando pensamos no modo lacaniano de ler o que é a civilização, a vemos como um sistema de distribuição de gozo a partir de semblantes, um modo comum de gozo que supõe repartição dos meios e maneiras de gozar. Daí não precisamos nos esforçar muito para concluir que cada civilização tem a universidade que melhor lhe ajusta, ou seja, bem assentada em dada distribuição de gozo. O que não impede que muitos vociferem por alterações/mudanças, usualmente não sem conseqüências, muitas vezes dramáticas.

*RECA: Em 1953-1954 Lacan afirmou que já éramos uma civilização do ódio, o qual "se reveste*

*no nosso discurso comum de muitos pretextos, encontra racionalizações extraordinariamente fáceis”<sup>7</sup>. Mais recentemente, um certo psicanalista afirmou que presenciamos uma prevalência atual da paixão da ignorância com ares de ódio que assume as diferentes formas de negação e ódio ao saber, imposição de um pensamento único, ataque à inteligência, ao debate, às diferenças de opinião<sup>8</sup>. A senhora concorda que isso surgiu com o ingresso de um projeto de extrema-direita no poder? Pois nos parece que esse é um movimento que já estava em curso há anos e que se manifesta em discursos totalitários proferidos por diferentes grupos que defendem diferentes ideologias. Em que medida o discurso universitário contribui para isso? E, a senhora vê a presença da ignorância e do ódio também nas universidades hoje?*

IFF: Essa pergunta me remete às paixões do ser, ou seja, o amor, o ódio e a ignorância, que na verdade nos remetem à falta-a- ser do sujeito e, portanto, estão relacionadas ao Outro. Ao isolarmos a ignorância, nela localizamos o não querer saber sobre o que aqui vamos chamar, lacanianamente, o gozo, o mais além do princípio do prazer freudiano. Conseqüentemente, nesta posição se necessita contar com o desejo de saber...que mesmo na universidade não despreza a transferência. O ódio, Lacan<sup>7</sup> nos ensinou, é justamente o que mais se aproxima do ser, pois nada concentra mais ódio do que onde se situa a ex-sistência. Por isso mesmo ele diz melhor da presença do real na vida, já que sinaliza o coração do ser que não pode ser nomeado. Podemos deduzir, assim, que as paixões se dirigem e afetam o Outro, mas, tocam também o corpo e, desta forma, o sujeito. No ódio o sujeito se iguala ao ser do objeto a ser destruído. Sem entrar aqui na importante relação amor/ódio, tendo o amor como certo limite, considero que se são paixões do ser, elas sempre se fazem presentes, seguindo o estilo da época e o lugar que o Outro nela ocupa.

*RECA: Em 1937 Freud<sup>9</sup> apontou que governar, educar e psicanalizar são ofícios impossíveis. Como ler essa afirmação de Freud hoje, 85 anos depois? E como, em meio a esses impossíveis, sustentar algum possível, como afirmado pela senhora em 2019: "é possível não sucumbir ao puro exercício de ordenamentos travestidos de democráticos e a serviço do capital. Há possibilidade de ensino/transmissão verdadeiros, no sentido de conhecimento que desperta certa insistência entre os que escutam, na dimensão do desejo de saber" (p. 214)<sup>1</sup>?*

IFF: Leio Freud, nos pontos aqui assinalados, como orientação e ensinamentos ainda vigentes. O saber, nós que trabalhamos com psicanálise conhecemos, é construído e por isso mesmo tem diferentes valores a cada momento civilizatório. Em nossa atualidade seu peso conta com a revolução tecnológica/informática, que obscurece a questão crucial da autoridade epistêmica, importantíssima para que se crie vínculo educativo, pois tal autoridade não é atribuída por títulos ou quantidade de informação que se porta, mas sempre outorgada pelo Outro. Somente se outorga esta autoridade a alguém se seu desejo trabalha a letra do texto vivificando-a com enunciação que cria ignorância nova, conseqüentemente desejo de saber, como bem escreve a psicanalista Hebe Tízio (2003), no texto *La posición de los profesionales en los aparatos de gestión del sintoma*<sup>10</sup>.

*RECA: Retomo algumas de suas reflexões. A senhora destaca a respeito da dimensão do agente, que é preciso que ocorra algo diverso do "professorar", e também que o "desejo de educar que jamais estará de acordo com a homogeneização, já que ela não apaga a particularidade do sujeito" (p. 215)<sup>1</sup>, e que comporta também algo do impossível de educar. Sobre a posição dos alunos, aponta que não é suficiente que a universidade ofereça educação, mas é preciso que o aluno com ela consinta, o que depende que isso que se oferta se entrelace às marcas que ele porta. Conclui, então que "importa que o agente reconheça que faz parte do processo e que os traços que o caracterizam nesta função funcionam, para o aluno, como sinal de um desejo que o levará à renúncia de algumas satisfações imediatas, na direção de laços que o possibilitarão estar junto, na solidão que lhe é inerente" (p. 215)<sup>1</sup>. Nesta passagem trata-se da função da transferência nesse processo, o que nos recorda ainda da ressalva de Freud em 1915[1914]<sup>1</sup> de que na clínica os analistas devem reconhecer que os sentimentos de seus analisandos são induzidos pela situação analítica, não devendo ser atribuídos às características pessoais. É possível estender essa ressalva freudiana ao contexto das universidades e dessas relações professores-alunos hoje, nas quais parecem estar cada vez mais presente um empuxo à homogeneização, mas também, ao mesmo tempo, à pessoalização de muitas relações?*

IFF:Creio que é preciso esclarecer ao leitor que, quando você se refere à questão do agente, está dizendo do texto em que, a partir de estudos que fiz, tendo como referência a psicanalista Hebe Tízio, trabalho a importância do reestabelecimento do que chamamos vínculo educativo e o laço social que ele estabelece, o que supõe três elementos: o agente, o saber e o sujeito que pode ou não consentir com a oferta de saber que lhe é feita. Tal vínculo jamais supõe homogeneização. Ele exclui a generalização tão desejada no mundo globalizado. Se o educador é seu representante, não estará na posição de "professorar" um todo saber, pois o verdadeiro educador dá notícia de que ainda que porte conhecimentos, não porta o saber, pois, este está do lado do sujeito que precisa consentir na caminhada que a universidade lhe traçou. A oferta de saber, genuína, é aquela que ao ser ofertada permite ao sujeito alojar sua particularidade, criando possibilidades para que o educando faça algo com os conteúdos culturais que traz em sua bagagem. O desejo do educador, pensado psicanaliticamente, é aquele que não apaga a particularidade do sujeito através de respostas estandardizadas, pois somente é ensino verdadeiro aquele que consegue despertar o desejo de saber que surge quando os que escutam assumem a medida da ignorância naquilo que ela é fecunda. A questão que você levanta, acerca da pessoalização das relações, se deve exatamente à dificuldade do agente em manter sua função civilizadora que, essencialmente, é simbólica. Cai-se, então, na relação baseada no eu/você, imaginariamente geradora de tensões e agressividades, ali onde as relações de amor e ódio são as fundamentais. Reinventar o vínculo educativo é questão de ordem em nossa civilização.

*RECA: Frente a tudo isso, qual o lugar da psicanálise na universidade hoje? Se as disciplinas de psicanálise em cursos de graduação em psicologia e os cursos de pós-graduação com ênfase em*

*psicanálise sempre foram muito comuns, por que só agora surgiu a oferta de um curso de graduação em psicanálise? Isto vem sendo considerado por muitos como um atentado à psicanálise como teoria e prática por desprezar a exigência de análise pessoal. Como a senhora se coloca frente a isso? Afinal, a psicanálise já está nas universidades há anos. Presenciamos há anos alunos concluintes de graduações em psicologia que fizeram estágios ou pesquisas de orientação psicanalítica, ou pós-graduações com foco em psicanálise, valerem-se disto para declararem-se psicanalistas, e a questão da falta de exigência de análise pessoal já é antiga. Neste cenário, qual é a grande diferença que uma graduação em psicanálise vai trazer?*

IFF: A psicanálise está na universidade, seja por seu valor afirmativo ou por sua negação de modo a fazer valer outras abordagens. Tem contribuições a dar e também a receber. Trata-se de conexão - psicanálise/universidade - que não está assegurada por nenhuma legislação, teoria ou prática, até mesmo pelas incompatibilidades que trazem em si. Assim sendo, a presença do particular de cada profissional que segue suas orientações e que por estes espaços circulam se faz fundamental. Há aqueles que pensam até mesmo em seu desaparecimento, mas estou entre os que consideram que ela foi criticada desde que apareceu no cenário clínico e, se persiste, é porque seu valor não tem como ser obscurecido. Sabemos também que a formação do analista não passa por um mestrado ou doutorado e que a criação de curso de graduação na área diz da perversidade dos modos de gozo capitalista. Vale a pena lembrar, para os leitores, conferência que Laurent<sup>12</sup> pronunciou, em Salvador, sobre a atualidade da psicanálise no século XXI.

*RECA: Em seu texto que citamos na introdução à essa entrevista<sup>1</sup>, a senhora afirma que a universidade hoje faz parte de uma realidade na qual os agrupamentos sociais vem sendo alterados por uma introdução da universalização que acaba por contribuir para os processos segregatórios daqueles que não correspondem ao esperado nas comunidades. É possível, portanto, ler as relações que se estabelecem numa universidade hoje a partir de Psicologia das Massas<sup>5</sup>? E como diferenciá-las das que se estabelecem nas escolas de psicanálise, nas quais Lacan criou o cartel e o passe, que tem a função de contrabalançar a tendência à identificação com o mestre?*

IFF: Lacan<sup>13</sup> elege a palavra "escola", exatamente precisando que não é universidade, já que escola se refere a um lugar que é refúgio contra ao mal-estar civilizatório, e considera um primeiro mestre que lhe deu orientação. Esse mestre, segundo ideia clássica, se orientava por si mesmo, a exemplo de Sócrates que não tinha diploma de filosofia. Autorizavam-se pelo interesse que podiam despertar nas pessoas, ao cuidado pela dignidade da vida humana, e não por um diploma. Autorizavam-se pela transferência que geravam. Nesse sentido, Lacan jamais deixou de pensar a universidade como participante do mal-estar civilizatório, forma evidente do mesmo, em diferentes países, como nos recorda Miller<sup>14</sup>. Daí sua fonte de aborrecimento. O cartel se construiu na ideia de que os lugares entre seus componentes podem ser permutáveis, já que não se trata de cargos hierárquicos, nem permanentes, mas rotativos. E não é necessário que estas pessoas sejam membros da Escola. Cartel e

passa são, como sabemos, os fundamentos da Escola de Lcan. O passe, como se sabe, não é para qualquer pessoa, mas, para uma analizante ao final de análise. Miller<sup>14</sup> pensa/hipotetiza, que o cartel surgiu a partir de considerações universitárias, discurso universtário, lacanianas e que ele é possível neste contexto. O passe, é uma apresentação da própria análise, algo que não pode acontecer na universidade. A escola lacanina, conseqüentemente, supunha diversidade/heterogeneidade, nada do universal presente na academia. Como bem lembrou Miller<sup>14</sup>, se todos têm o mesmo modelo inicia o aborrecimento e o ódio entre semelhantes. A Escola não é um lugar para semelhantes, mas, para estrangeiros com seus estilos que podem até mesmo levar a dissoluções.

*Angelo Costa: Dada a importância de reavaliar as relações entre as universidades e a formação do psicanalista na atualidade, a interlocução de uma professora como a senhora, que tem ampla inserção e reconhecida trajetória no meio acadêmico e nos espaços de formação analítica, nos leva a valorizar muito a presença de sua palavra nesse debate. Nesse sentido, nos interessa muito o testemunho de suas experiências no Brasil. Nas diferentes etapas da formação, enquanto estudante, professora, pesquisadora e analista, quais foram os principais recursos, impasses e desafios encontrados?*

IFF: Minha trajetória está assinalada pelas respostas anteriormente respondidas. Experiências no Brasil e fora dele, em consultório, universidade, sempre mantendo o vivo o desejo de fazer existir a psicanálise e o desejo de educadora, conforme assinalado antes, pelo que me dizem (risos). Durante estes anos, várias vezes, apesar de todos os avatares, fui professora homenageada dos formandos, ocupando lugar de paraninfa, patronesse ou simplesmente de professora homenageada. Acho que isso diz do vínculo educativo que é outorgado, conforme já assinalei (risos). Sou feliz e grata por isto.

*AC: Suas considerações em "Agressividade e violência" (2006)<sup>15</sup>, parecem sugerir que, na atualidade, tem-se perdido a possibilidade de leitura simbólica dos fenômenos da violência. Talvez, com isso, também se perca a "potência pacificadora e vivificadora da dimensão simbólica", em função da agressividade própria à especularidade imaginária. Seu notável trajeto como pesquisadora de excelência se ocupou de projetos como "O sofrimento psíquico de jovens na universidade: entre exigências institucionais e urgências subjetivas" (2019-atual) e "O mal-estar do professor frente a violência do aluno" (2003), entre trabalhos correlatos. A partir desse amplo trabalho de pesquisa, o que foi possível escutar dos "balbucios das mudanças" em relação à violência e à agressividade nos espaços de formação?*

IFF: Os espaços de formação são espaços de comunidade de vida, com suas regras, conforme assinalei anteriormente. Conseqüentemente, agressividade e violência por eles circulam. As formas de suas manifestações são as que variam e sobre elas temos que refletir.

*AC: O novo Projeto de Pesquisa da Professora Tania Coelho dos Santos, recentemente aprovado*

*pelo CNPQ com bolsa de produtividade nível 1C, busca avaliar analiticamente os impasses na transmissão da psicanálise no meio universitário. Entre outras fontes bibliográficas, sua pesquisa considera a obra de Éric Marty, "Le sexe des Modernes: la pensée du Neutre" (2021)<sup>16</sup>, como altamente relevante. Em sua resenha sobre esse livro, a professora destaca que "uma apropriação indevida pelo pensamento sociológico americano de autores tais como Jacques Lacan, Roland Barthes, Jacques Derrida, Gilles Deleuze e Michel Foucault, à serviço da ideologia de gênero, do ideal psicossociológico de desconstrução e de sua radical redução da lei simbólica à norma social",<sup>17</sup> se expressa na aderência de certos grupos a trabalhos estadunidenses desconstrucionistas, como os de Judith Butler, teórica de gênero. Eles popularizam uma "psicossociologia" que se pretende psicanálise, mas que é avessa aos cânones, sendo estes entendidos como obsoletos e imorais. Em certos níveis, chegando mesmo a desvalorizar com veemência a discussão psicopatológica e diagnóstica na prática clínica. Curiosamente, tais grupos insistem em reivindicar o reconhecimento geral de que são uma "psicanálise atualizada ao contemporâneo". Qual é a sua percepção do impacto desses movimentos sobre o rigor das pesquisas psicanalíticas e sobre os espaços de transmissão da Orientação Lacaniana?*

IFF: O valor dos trabalhos da profa. Tânia se estendem para além das fronteiras brasileiras, como sabemos. Tem sido um prazer acompanhá-la em seus ensinamentos. Concordo com seus dizeres. A "insistência na reivindicação" desses grupos, em buscarem o reconhecimento na representação de uma "psicanálise atualizada ao contemporâneo" já diz da impotência para se manterem como representantes da psicanálise criada por Freud e Lacan. São leitores de outra cartilha e, portanto, não preocupam. A mediocridade que constroem fornecerá o berço sobre o qual se debruçarão. Basta com que saibamos as coordenadas que nos orientam e as pratiquemos.

*AC: A polêmica e notável intervenção de Paul B. Preciado, filósofo de gênero e teórico queer, na 49ª Jornada da Escola da Causa Freudiana (17/11/19), foi marcada por um discurso que talvez se possa dizer, "schreberiano", de fundador de uma Nova Era, no qual ele reivindicou o esquecimento ou abandono de operadores lógicos valiosos à prática analítica de Orientação Lacaniana. Destaco uma tradução de sua fala: "Continuar praticando a psicanálise, utilizando a noção de diferença sexual e com instrumentos críticos como o complexo de Édipo seria hoje tão aberrante como pretender continuar navegando no universo com um mapa geocêntrico ptolemaico ou controlar as mudanças climáticas, ou afirmar que a Terra é plana."<sup>18</sup> O discurso panfletário é pouco científico e ilustra bem a popularização de temas de pesquisa marcados pela moral contemporânea do politicamente correto, que visam uma autodeterminação dentro do campo analítico, na mesma medida em que negam sua história, visando exterminar seu legado. Diante de tantos impasses e argumentos filosóficos contraditórios e moralizantes, a professora acha possível distinguir uma "psicanálise autêntica" do que se pretende como psicanálise?*

IFF: Vamos pelas partes que a questão envolve, e com o cuidado que ela merece. Quando você afirma que a intervenção de Paul Preciado foi notável, entendo esta notabilidade no sentido de que,

diante de uma comunidade de psicanalistas, ele reivindica um modo de ser que vem sendo “enjaulado pelos discursos dominantes acerca da sexualidade e seus gêneros”, como bem trabalhou Miquel Bassols, no livro *La diferencia de los sexos no existe en el inconsciente*<sup>19</sup>. E, em seu chamado para que os psicanalistas se unam contra o poder dos símbolos e imagens heteropatriarcais, convoca-os para a busca de saídas, mas, em seu deslizamento metonímico, não dá diretrizes de a partir de onde, e em direção a que, já que a categoria da diferença não lhe é possível, mas inerente a qualquer discurso. Freud<sup>20</sup>, em 1935, escreveu a carta que se conhece, para uma mãe norte-americana, na qual deduziu que seu filho era homossexual e se pronunciou contra a injustiça sobre a degradação e patologias que lhes eram atribuídas. Miller<sup>21</sup>, em 2013, nas trilhas de Freud e, principalmente de Lacan que se posicionou acerca da fragilidade do complexo de Édipo para representar a trama das identificações sexuais - jamais fixas e normativas, psicanálise para além do Édipo, da lógica fálica presente na diferença dos sexos -, escandalizou a muitos, psicanalistas e não psicanalistas, a favor do casamento homossexual. A realidade social que insiste em desmontar a psicanálise não é de agora e, de fato, não gosto da ideia de uma psicanálise autêntica... há a psicanálise, a pura e a aplicada.

*AC: Tais grupos encharcados de relativismos, perspectivismos e hostilidades com o histórico da prática analítica – tomado como obsoleto, opressivo, epistemicida e colonialista, são desorientados por incompreensões e equívocos bastante difundidos por uma espécie de “freudo-lacanês” universitário. Seu vigor toma forma em jargões frequentemente ininteligíveis e obscuros, repetidos à exaustão. Não são discutidas as deduções lógicas, nem as fundamentações teóricas, em nome da valorização de um invenionismo e do elogio à ignorância. O resultado parece ser uma formação estéril e uma prática inócua, da qual não se presta contas e sobre a qual nada se formaliza, pois, se é preciso “não-saber”, então também não é tão importante estudar, nem explicar o que se faz na clínica, nem se responsabilizar pelo legado de uma linha de transmissão. O debate científico parece cada vez mais difícil. Como a senhora vê a possibilidade de retomar um lastro de orientação, que possibilite a divergência de opiniões no campo, mas sem que isso incorra em uma “torre de babel” ou no impulso ao extermínio das diferenças?*

IFF: Sua pergunta já orienta um ponto de vista e responde o que pergunta, a seu estilo. De fato não se ignora que a psicanálise sempre enfrentou dificuldades para se instalar nos espaços considerados enlaçados com o mundo da ciência, já que não consegue a generalização/universalização que ela crê possível. A partir de Lacan<sup>22</sup>, leitor atento da obra de Freud, até dizemos que a psicanálise nasceu do lixo da ciência, daquilo que ela descartou, ou seja, a subjetividade humana. Ao pensarmos a atualidade, nela se vê e lê a existência de um movimento subjetivo de cientificismo considerando que o discurso científico pode se estender a todas as áreas da vida. Daí fica mais viável pensar vias para descartá-la. Veja bem, digo vias de descarte, e não que elas sejam simples ou fáceis, pois ademais das tormentas, ela segue em sua vivacidade. Miller<sup>14</sup> iluminou algo que sempre precisa de luz, diante de tantos movimentos obscurantistas, ao dizer que não há uma ciência da clínica, mas saber elaborado

acerca, possível de transmissão, inclusive na universidade, pelo discurso universitário, especialmente nas áreas de psicologia e psiquiatria, nos quais há possibilidades de se fazer ciência da clínica. Ele também assinalou que no discurso analítico há algo que é para todos, algo que se pode “ensinar” a todos, ponto de interseção entre o discurso psicanalítico e o da universidade. Veja, por exemplo, os matemas. E se a psicanálise pode dar suas contribuições, a universidade, com seus diferentes campos de conhecimento também pode trazer contribuições para a psicanálise. Nos últimos anos a universidade está muito submetida à produção de objetos de saber em obediência às leis da demanda e do mercado, o que desfavorece a transmissão de saber, como já disse anteriormente. Nesse sentido, o discurso analítico, nessa importante relação psicanálise/universidade, com suas peculiaridades, pode se apresentar com algo favorecedor de outra política, reconectando, de alguma forma, o saber com o objeto que causa a divisão do sujeito. Política em contra ao mercado de saber. Trata-se de conexão não assegurada, e que depende, essencialmente, dos analistas e praticantes que circulam por estes espaços.

*AC: Acompanhando sua interessante discussão no artigo "Agressividade e violência" (2006)<sup>8</sup>, verificamos que a expressão fenomênica da violência na atualidade tende à uma redução, valorizando a contabilização estatística e a generalização da ideia de trauma, em detrimento da dimensão simbólica da vida e do próprio sentido que se pode dar à violência. Nessa cena, nublada pelos números, se constata que variados espaços de formação, orientados pelo cumprimento das competitivas exigências de mercado, seguem a maré do capital, perdendo de vista o valor humano, tornando o sujeito uma cifra programável (Ferrari, 2019)<sup>1</sup>. Se, nesses espaços, não há crítica, mas consentimento em relação aos empuxos da internacionalização e quantificação, o que resta para a formação de leitores da "cartilha da civilização"? A senhora poderia nos dizer qual perspectiva vislumbra para as futuras gerações que encontram a psicanálise nos meios acadêmicos?*

IFF: Pois é! Felizmente vemos que os espaços para crítica não foram totalmente dizimados e nunca serão, e o exemplo é a abertura para esta entrevista, com as perguntas trazidas: todas exigindo muita reflexão e crítica. Creio que já devem ter escutado dizer que Randy Schekman, biólogo celular dos Estados Unidos, laureado com o Nobel de Medicina, em 2013, recusou-se a publicar em revistas científicas, alegando exatamente que não é possível pesquisar tendo no horizonte este critério contabilizador. Decisão que causou espantos e controvérsias, mas necessária para a manifestação em contraria à submissão das pesquisas às leis do mercado e às leis neoliberais que construíram a aliança entre ciência/universidade e política. No horizonte, vejo que aqueles alunos que tenham a oportunidade de encontrarem com a psicanálise ficarão em “reino de encantamento” diante de suas possibilidades. Vivi experiência muito impressionante dando aulas em Universidade europeia, compartilhando aulas com professor que respeitosa e me convidou, mas foi nome importante na construção do DSM5. Na disciplina fui a mais bem avaliada, entre todas, em época que a psicanálise já sofria apagamento. Em todos os anos que ali estive, até 2020, os alunos queriam saber mais, queriam saber de possibilidades para estarem no Brasil estudando etc, etc... Sinceramente, quanto mais a ciência avança,

mais apostado na capacidade de resposta/prática da psicanálise.

#### Notas do revisor:

1. Ferrari, I. F. (2019). Uma vivência universitária: passos além do cotidiano. *Pretextos - Revista Da Graduação Em Psicologia Da PUC Minas*, 4(7), 211-223. Recuperado de <http://periodicos.pucminas.br/index.php/pretextos/article/view/20765>
2. Ferrari, I. F. (2018). La vida en el mundo universitario con vocación para la letra muerta. In U. O. C. Bermudez (Org.). *El psicoanálisis – La educación. Sus articulaciones*. Colômbia: Universidad EAFIT.
3. Laurent, É. (2011). Ato e Instituição. *Almanaque On-line*, 5(10). Recuperado de <http://almanaquepsicanalise.com.br/ato-e-instituicao/>
4. Viganò, C. (2010). Urgência e crise. In W. D. Alkmim (Org.). *Carlo Viganò: novas conferências*. (pp. 181-200). Belo Horizonte: Scriptum.
5. Freud, S. (1996). Psicologia de grupo e análise do ego. In J. Salomão (Trad.), *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (Vol. 18, pp. 75-146). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1921).
6. Lacan, J. (2011). *Estou falando com as paredes: conversas na Capela de Sainte-Anne*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor. (Obra original de 1971-1972)
7. Lacan, J. (2009). *O Seminário livro 1: os escritos técnicos de Freud*. 2. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, p. 316. (Obra original de 1953-1954)
8. Quinet, A. (2019). A paixão da ignorância: o anti-intelectualismo. *Brasil 247*. Disponível em <https://www.brasil247.com/blog/a-paixao-da-ignorancia-o-anti-intelectualismo>.
9. Freud, S. (1996). Análise terminável e interminável. In J. Salomão (Trad.), *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (Vol. 23, pp. 223-266). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1937).
10. Tízio, H. (2003). La posición de los profesionales en los aparatos de gestión del síntoma. In *Reinventar el Vínculo Educativo: Aportaciones de la Pedagogía Social y del Psicoanálisis*. Gedisa. Barcelona.
11. Freud, S. (1996). Observações sobre o amor transferencial (Novas recomendações sobre a técnica da psicanálise III). In J. Salomão (Trad.), *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (Vol. 12, pp. 177-188). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1915[1914]).
12. Laurent, É. (2000). A psicanálise no século XXI. In É. Laurent. *As paixões do ser* (pp.11-28). Salvador: Escola Brasileira de Psicanálise – Bahia, Instituto de Psicanálise da Bahia.

13. Lacan, J. (1982). Acte de Fondation, 21 juin 1964. In *Annuaire de l'École de la Cause Freudienne*. Paris.
14. Miller, J-A. (s.d.). El concepto de escuela. *Cuadernillos del Pasador*. Recuperado de: [https://www.wapol.org/es/las\\_escuelas/TemplateArticulo.asp?intTipoPagina=4&intEdicion=1&intIdiomaPublicacion=1&intArticulo=288&intIdiomaArticulo=1&intPublicacion=10](https://www.wapol.org/es/las_escuelas/TemplateArticulo.asp?intTipoPagina=4&intEdicion=1&intIdiomaPublicacion=1&intArticulo=288&intIdiomaArticulo=1&intPublicacion=10)
15. Ferrari, I. F. (2006). Agressividade e violência. *Psicologia clínica*, 18(2), Rio de Janeiro, 49-62. Recuperado de <https://www.scielo.br/j/pc/a/x7phbW9v9jcbWgsCzYtncZM/>
16. Marty, E. (2021). *Le sexe des Modernes: Pensée du Neutre et théorie du genre*. Paris: Seuil.
17. Coelho dos Santos, T. (mai. 2021 a out. 2021). A brilhante desconstrução francesa da confusa psicossociologia de Judith Butler. *Revista aSEPHallus de Orientação Lacaniana*. Rio de Janeiro, 16(32), pp. 166-169. Disponível em <http://www.isepol.com/asephallus/pdf/RESENHA.pdf>
18. Preciado, P. B. (2019). Intervenção na 49ª Jornada da Escola da Causa Freudiana. (C. Kushnir, Trad.). Disponível em: <http://lacanempdf.blogspot.com/2019/12/paul-b-preciado-intervencao-na-49.html>
19. Bassols, M. (2021). *La diferencia de los sexos no existe en el inconsciente*. Buenos Aires: Grama ediciones
20. Freud, S. (2018). Carta a uma mãe preocupada com a homossexualidade de seu filho. In S. Freud. *Amor, sexualidade, feminilidade*. (M. R. S. Moraes, Trad.) (pp. 349-352). Belo Horizonte: Autêntica. (Trabalho original publicado em 1935).
21. Miller, J-A. (2013). Casamento homossexual: esquecer a natureza. *Opção lacaniana online*, 4(10). Recuperado de [http://www.opcaolacaniana.com.br/pdf/numero\\_10/Casamento\\_homossexual.pdf](http://www.opcaolacaniana.com.br/pdf/numero_10/Casamento_homossexual.pdf)
22. Lacan, J. (1998). A ciência e a verdade. In *Escritos* (pp. 869-892). Rio de Janeiro: Jorge Zahar. (Trabalho original publicado em 1965-1966).

**Citação/Citation:** Amaral, R. E. C, & Costa, A. M. V. da. (nov. 2021 a abr. 2022). Entrevista com a psicanalista Ilka Franco Ferrari. *Revista aSEPHallus de Orientação Lacaniana*, 17(33), 169-180. Disponível em [www.isepol.com/asephallus](http://www.isepol.com/asephallus). **Doi:** 10.17852/1809-709x.2022v17n33p169-180

**Editor do artigo:** Tania Coelho dos Santos

**Recebido/Received:** 12/09/2021 / 09/12/2021.

**Aceito/Accepted:** 18/10/2021 / 10/18/2021.

**Copyright:** © 2022 Associação Núcleo Sephora de Pesquisa sobre o moderno e o contemporâneo. Este é um artigo de livre acesso, que permite uso irrestrito, distribuição e reprodução em qualquer meio, desde que o autor e a fonte sejam citados/This is an open-access article, which permits unrestricted use, distribution, and reproduction in any medium, provided the author and source are credited.